

**Black Blocks: os herdeiros de Bakunin - Militância e
Enfrentamento na Ação Direta**

**ATAÍDES, Marcos Augusto Marques (UEG - UnUCSEH –
ataidesmarcos@gmail.com)**

**COELHO, Renato (UEG – UnU ESEFFEGO –
rcoelho93@yahoo.com.br)**

**SILVA, José Santana da (UEG – UnUCSEH –
santanajosilva@gmail.com)**

***Apoio financeiro: Programa Auxílio Eventos – Pró-eventos – UEG**

EIXO TEMÁTICO: As influências da AIT e de Bakunin nas lutas sociais.

O presente artigo surgiu dos debates referentes ao projeto desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás, que tem como título *Corpos Indisciplinados e descontrolados nas ruas: os Black Blocks*, que visa analisar o surgimento desse movimento no Brasil e sua relação com as bandeiras anarquistas propostas por Bakunin, bem como a análise da ação direta desenvolvida por esse autor revolucionário. Os textos estudados no grupo de estudo foram utilizados também como tarefas desenvolvidas pelos alunos bolsistas da PROLICEN e do PIBIC (programas de pesquisa e de concessão de bolsas para alunos das licenciaturas).

O contexto histórico das lutas em 2013

Os meses de maio e junho de 2013 no Brasil foram marcados por contínuas e maciças mobilizações de rua em várias cidades do país, cujos gritos e palavras de ordem expressavam a insatisfação e indignação frente à precarização da vida nas cidades, reflexo também do aumento do custo de vida, da inflação, do endividamento, do desemprego, da falta de transporte público de qualidade, da marginalização, abandono e exclusão de milhares de pessoas pertencentes às classes mais pobres e residentes nas periferias das grandes cidades.

A forte crise instalada sobre os partidos, sindicatos e instituições representativas, símbolos da democracia burguesa, iniciada a partir da primeira do final do século XX e início do século XXI, também amplificaram as revoltas e as mobilizações, catalisando a efervescência e o agigantamento dos movimentos de rua em todo o país. Movimentos de rua sem líderes e sem partidos, construídos de forma espontânea e de forma não tradicional, sem hierarquização e de forma horizontal desenharam o modelo das mobilizações brasileiras.

O pano de fundo destes movimentos que eclodiram explosivamente em todo o Brasil em 2013 foi a forte crise social, econômica e financeira que atravessa não somente o Brasil, mas todo o mundo capitalista globalizado. O aprofundamento das políticas neoliberais em escala planetária, a precarização do mundo do trabalho, as políticas de austeridade fiscal impostas pelos organismos internacionais (Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio e o Banco Mundial) tem provocado o aumento da concentração de renda e o empobrecimento acelerado e a degradação da vida de grande parte da humanidade, marginalizada e sem acesso a qualquer tipo de direitos e garantias sociais. A chamada crise do *subprime* em 2008 nos EUA foi capaz ainda de alavancar graves crises em toda economia capitalista mundial, atingindo em cheio a África, Europa, América Latina e Ásia.

Essa conjuntura, escamoteada pelo governo brasileiro, não conseguiu impedir a insatisfação desse modelo, que se traduziu nas reivindicações populares relacionadas ao transporte público, ampliando as demais demandas

e mostrando a situação caótica nos setores da saúde e educação, nos gastos exagerados com a Copa do Mundo, e na aversão aos partidos políticos. Esses movimentos foram marcados pela ocupação de ruas em várias cidades, promovidas por manifestações divulgadas pelas redes sociais.

Ela mostra como o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado (...). A praça Tahir mostrou ao mundo uma verdade óbvia: são os corpos nas ruas e praças, não o balbucio de sentimentos no twitter ou facebook, que realmente importam. (HARVEY, 2012)

Esse movimento de insatisfação alastrou-se de uma forma não prevista pelas autoridades, o enfrentamento dos militantes na rua fez com que os governantes usassem seu aparato repressivo, mostrando claramente que o Estado é sempre um órgão a serviço da dominação e subordinação social da classe trabalhadora. “O Estado não reconhece outra: tudo o que serve é bom, tudo que é contrário a seus interesses é declarado criminoso, tal é moral do Estado” (BAKUNIN, p. 28, 2008).

As chamadas “armas não letais” foram utilizadas de forma abusiva pelas polícias em todo o país durante as mobilizações, ferindo gravemente manifestantes e também cidadãos que trafegavam pelas ruas. As ruas se transformam em verdadeiras “arenas de guerra”, de um lado manifestantes com faixas e cartazes, e do outro a polícia com balas de borracha, gás lacrimogêneo, cavalos, cães e ainda portando também armas letais de alto calibre. Os confrontos foram transmitidos ao vivo pela mídia nacional e internacional.

É dentro deste contexto de enfrentamento, que a idéia de agrupamento dos Black Blocks surge no Brasil. Rapidamente esses aparecem na imprensa como sendo os responsáveis pela “violência” desencadeada nos protestos. Esse fato foi também utilizado durante as manifestações antiglobalização durante o final da década de 1990 e início da década 2000, no qual esse foram inclusive tachados de terroristas por vários governos europeus.

Os militantes de preto e de capuz são a expressão do temor do Estado frente as mobilizações, o desconhecimento do grande público e a desinformação promovida pela grande imprensa, aliada a uma estratégia de criminalizar e personalizar os movimentos, culpando apenas e tentando separar a dimensão dos “pacíficos” e dos chamados “baderneiros”.

Essa dualidade leva a afirmação que a violência desencadeada em protestos foi fruto da atuação dos Black Blocks, sinônimos de baderneiros, no entanto, a sociedade organizada pelo Estado tem esse monopólio da violência e usa constantemente esse de uma forma desproporcional.

[...] A sociedade capitalista retira grande parte da sua força do monopólio da violência, nesse sentido, é muito mais jogar o jogo dela aceitarmos seu monopólio em vez de denunciar pela ação. Preferimos não fazer nada que o Estado queira, do que não fazer nada como eles. Ninguém pode simplesmente achar que todas as funções do Estado são negativas, e rejeitá-las. Achemos antes que o Estado não deveria existir ele é o monopólio do discurso, da representatividade, da ação sobre essas funções agindo segundo seus próprios interesses e não no interesse das pessoas afetadas. Queremos que cada pessoa, cada grupo de afinidade, cada coletividade, possa decidir sobre aquilo que lhe diz respeito, isso inclui também o uso da violência. Uma coletividade que decide se organizar violentamente contra uma agressão exterior age legitimamente. Uma coletividade que decide agredir violentamente uma outra não, e acaba gerando a resposta. (LUDD p.145, 2002).

Os protestos e a reação que aconteceram durante o ano de 2013, foram marcadas pela ação intensiva e repressiva da polícia através das determinações do Estado, nessa perspectiva é que podemos relacionar a ação dos movimentos de rua frente a esse contexto.

A origem e as táticas de atuação dos Black Blocks

Segundo LUEDD (2002) a terminologia *Black Block* é originária dos EUA, que se tornou conhecida principalmente após as grandes e famosas mobilizações anti-globalização ocorridas em novembro de 1999 na cidade de Seattle. Entretanto, o *Black Block* se originou a partir de experiências ocorridas na Alemanha durante a década de 1980, em manifestações de rua organizadas por movimentos da esquerda radical autônoma alemã, onde manifestantes vestidos de preto e com capuzes ou máscaras, se reuniam durante as manifestações com o objetivo de garantir a proteção dos manifestantes através de enfrentamentos contra a violência policial. Ainda segundo este mesmo autor, os *Black Blocks* são grupamentos livremente organizados, onde pessoas com mesmas afinidades se reúnem em manifestações ou passeatas, construindo um espaço de convergência para as ações diretas, defendendo a tese de que o capitalismo e a propriedade privada são as verdadeiras e maiores formas de violência existentes, e que tal sistema não pode ser reformado ou melhorado, mas que deve ser totalmente destruído a fim de converter o limitado valor de troca em valor de uso.

As perspectivas defendidas pelos Black Blocks são encontradas na leitura das obras de Bakunin, que visam a ação direta como um instrumento essencial no combate a organização do Estado e do capitalismo.

[...] Elas se fazem por si próprias produzidas pela força das coisas pelo movimento dos acontecimentos e dos fatos elas se preparam durante muito tempo na profundidade da consciência instintivas das massas populares depois explodem suscitadas aparentemente por causas fúteis (BAKUNIN p. 116, 2008).

Os princípios dos Black Blocks são pautados na *Autonomia*, onde se estabelece uma total independência a qualquer forma de autoridade (partidos, sindicatos, mídia); *Auto-Organização*, a organização é realizada de forma não burocrática, não regularizada pelo Estado e não obedecendo aos modelos tradicionais de organização, as decisões são decididas coletivamente; *não-Hierarquização*, os sujeitos envolvidos possuem uma relação igualitária e sem hierarquias, não existindo líderes ou chefes; *Ação Direta*, todas as formas de interlocuções e ações são realizadas pelos próprios participantes, inexistindo representantes ou vanguarda, as atuações prescindem de mediações ou delegação de tarefas a interlocutores, grupos, partidos, sindicatos ou organizações; *Diversidade de Táticas*, usam de ações variadas e criativas, onde o fator imprevisibilidade é utilizado como tática contra a violência e a burocracia do Estado.

Corpos sem controle que bloqueiam avenidas e ocupam praças, revelam que os espaços das ruas não deveriam ser lugares privativos, mas públicos. Corpos indisciplinados que com chutes e socos quebram vitrines e destroem automóveis, desmascaram o fetiche da mercadoria e demonstram que o corpo é mais valioso do que meros objetos. Corpos invadem multinacionais e tentam devolver às pessoas o verdadeiro valor de uso do produto do seu trabalho em substituição ao supra-sumo dos capitalistas selvagens: o valor de troca.

Segundo Ribas (2011) para a compreensão da corporalidade dentro dos princípios anarquistas, faz-se necessário pensar os significados e sentidos deste para além de uma análise que esteja focada apenas na perspectiva moral, contrapondo radicalmente ao discurso higienista e de normatização do corpo vigente na ideologia disciplinadora burguesa. A denominada moral libertária é na sua essência uma radical oposição à moral burguesa, e se contrapõe a este paradigma tradicional, no sentido de fomentar a transformação social e para o devir de uma moral revolucionária de uma nova sociedade. Percebe-se o caráter de subversão às normas, de transgressão através do próprio corpo para possibilidade de criação de expectativas revolucionárias, a partir das próprias experiências corporais vivenciadas pelos sujeitos, onde o corpo passa a ser compreendido como produtor de cultura, e não simplesmente produto desta. Sendo assim, dentro dos princípios anarquistas, o corpo não é pensado como mero objeto da cultura, mas como

sujeito produtor de sentidos e de significados, onde as próprias vivência e experiências sentidas pelo corpo são capazes de transformá-lo em instrumento para a revolução social. O corpo do *Black Blocker* é anárquico em sua essência, defende princípios libertários e todos seus movimentos, expressões, aparências e atitudes são resultados do “desnudamento” do próprio corpo das amarras, da mercadoria e da opressão do capital, numa ânsia e luta descontrolada pela plena liberdade do corpo-sujeito.

Os *Black Blocks* não são uma organização, entidade, instituição ou movimento social, são na verdade um idéia de ação direta nas ruas, pautada em princípios anti-capitalistas, onde seus integrantes optam pela destruição da propriedade privada como forma de protesto político. Os *Black Blocks* tem a função de proteger manifestantes e evitar massacres promovidos por um dos principais aparatos de repressão do estado: a polícia militar. Os alvos dos *Black Blocks*, ao contrário da polícia, não são pessoas, mas os símbolos clássicos do capitalismo, como multinacionais, *fast-foods*, concessionárias de veículos, bancas de jornal, etc. As ações dos *Black Blocks* são ações de rua, onde seus métodos e práticas refletem uma organização não hierarquizada de ação direta. A indisciplina coletiva e o descontrolo dos corpos *Black Blocks* demonstram um rompimento total com a disciplina, a ordem e subsunção às formas de controle dos corpos no capital. Em contraste com os corpos dóceis, obedientes, mecânicos e servis forjados pela educação burguesa, os corpos dos *Black Blockers* exaltam a liberdade plena, são indomáveis e imprevisíveis. Os corpos *Black Blockers* ora funcionam como catapultas de pedras contra as paredes de soldados dos batalhões de choque, ora se transformam em massas vivas para bloqueio de ruas e avenidas, ora são como pincéis de artistas que vislumbram paredes e muros como telas para pichações, ora como verdadeiras muralhas de proteção contra cassetetes, balas de borrachas, sprays de pimenta e poderosos jatos d'água. São corpos que assustam e agridem mais as paranóicas mentes capitalistas daqueles que estão no poder, do que qualquer outra forma de manifestação pacífica ou sem violência.

Manifestantes transformam seus corpos em catapultas, que atiram pedras em barreiras num espaço que exige outra disciplina, quebrando a rotina e a tranqüilidade dos que dirigem e comandam a economia e a política, demonstram a ausência daquilo que mantém as coisas em ordem e o capitalismo em vigor: a disciplina. (LUDD, 2002, p.14)

A ação *Black Block* é uma tentativa de superação dos modelos tradicionais e pacifistas de manifestações de rua caracterizados pelo reformismo, sua intencionalidade é a destruição da ordem das coisas. Os *Black Blocks* se caracterizam pela desobediência civil e pela ação direta. A evolução e a mutabilidade de suas estratégias e atuações, que são suas características importantes, ajudam a criar o fator de imprevisibilidade, dando dinâmica às ações, dificultando e impedindo as reações de repressão do Estado.

O *Black Block* não é somente um avanço em relação aos meios de contestação tradicional, mas também um avanço em relação à ação ilegal isolada, que ganha sentido no quadro de sua luta global e política. O *Black Block* é também a desorganização organizada, a possibilidade de associar estratégia e prática igualitária, radicalidade e lucidez política. (LUDD, 2002, p.86)

Os *Black Blockers* defendem a luta contra a sociedade de classes e pelo fim das relações sociais baseadas na mercadoria e no trabalho abstrato. Não possuem vínculos com partidos, sindicatos ou com os governos, e ainda não possuem nenhuma forma de submissão ou de sujeição à mídia. Adotam a diversidade de táticas e não praticam a violência sem sentido, pois suas ações são planejadas e se concentram em alvos específicos. A violência *Black Block* não pode ser de forma alguma comparada com a violência do Estado, onde esta segunda, que se materializa através de várias formas e instrumentos, inclusive através da repressão policial militar, é capaz de coagir, incriminar,

torturar, reprimir e matar em defesa da falsa ordem e moral burguesa aliada ao capital (LUDD, 2002).

Ação direta de Bakunin aos Black Blocks

A luta contra o Estado e autoridade teve na figura de Mikhail A. Bakunin (1814-1876), um dos lutadores mais ferozes. Este dedicou a sua vida na participação direta de insurgências no continente europeu, e em várias barricadas que se erguiam tinha sempre a presença dele (WOODCOCK 2006).

O exemplo de Bakunin em combater o autoritarismo estatista foi um dos fatores que levou o mesmo a romper com Karl Marx e posteriormente ser expulso por esse da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Para Guérin (1968) o combate contra o Estado e a iniciativa de destruição do mesmo como fator primordial para o triunfo da Revolução, além do fato de combater as características de centralização que existiam nos partidários de Marx, essa defesa da liberdade e da destruição do Estado vão marcar as ações de Bakunin.

Bacúnine não ignora quanto a sua terminologia (“chefes”, “ditadura”, etc.) se assemelha à todos os adversários do anarquismo, e replica antecipadamente “a todos os que pretendessem que uma ação assim organizada seria um atentado à liberdade das massas, uma tentativa de criar uma nova potência autoritária”: Não! A vanguarda consciente não deve ser nem a benfeitora, nem o chefe ditatorial do povo, mas a parteira da sua autodeterminação (GUERIN, p.43, 1968).

A atuação dos Black Blocks tem essa perspectiva, ou seja, a forma como se agrupam e as táticas de luta desenvolvidas durante as manifestações deixam claros que esses não desejam tomar o movimento ou ser a vanguarda dirigente, mas apenas uma força capaz de resistir e mostrar na prática que os símbolos do capital não são sagrados ou invioláveis.

A defesa de sua identidade através de máscaras e roupas é uma lição aprendida as duras penas ao longo da história das resistências contra a dominação do Estado, quantos ativistas foram presos e mortos durante os confrontos. A não identificação também mostra claramente a necessidade da idéia que não existe uma liderança, já que essa forma de organização conta com a espontaneidade dos que tão dispostos ao enfrentamento com o aparelho repressivo do Estado.

Para Bakunin que perseguia a idéia da sociedade ou fraternidade internacional revolucionária, ligada aos valores mais caros do anarquismo, agindo em conjunto o internacional e o nacional, promovendo em seu catecismo revolucionários princípios e apontando as ações que deveriam ser desencadeadas, para por fim a estrutura de opressão e autoritarismo na sociedade.

Começara, pois por destruir, em toda parte, todas as instituições e todos os estabelecimentos, igrejas, parlamentos, tribunais, administrações, exércitos, bancos, universidades etc, que constituem a própria existência do Estado. O Estado deve ser radicalmente demolido e declarado em bancarrota, não apenas do ponto de vista financeiro, como também dos pontos de vista político, burocrático, militar, judiciário e policial. (BAKUNIN p. 61, 2008)

A violência tão propagada pelas autoridades em relação aos Black Blocks, encontra nesses alvos colocados por Bakunin seus objetos, não irracionais como a imprensa burguesa coloca e procura divulgar para a massa da sociedade, mas como forma de mostrar os elementos que realmente

oprimem e usam de violência. As agências bancárias destruídas, as concessionárias atacadas através da destruição das mercadorias de luxo que elas vendem, que são responsáveis diretamente pela perpetuação dos valores da sociedade capitalista.

A imprensa burguesa classifica esses atos como vandalismo, a polícia classifica esses como membros pertencentes a quadrilhas, já que as pessoas presas nas manifestações foram acusadas de formação de quadrilha. O Ataque a propriedade privada é inadmissível na sociedade, e cabe ao Estado tomar todas as medidas para impedir esses atos. Ao agir assim a verdadeira face do Estado é revelada, prisões arbitrárias, atos que são contrários as leis criadas pelo próprio Estado, tentativas torpes de criminalizar o movimento através de provas forjadas. Nesse momento é possível perceber que o Estado é sempre o grande empecilho para qualquer transformação social.

O próprio Bakunin foi colocado como suspeito, após interceptações telefônicas realizadas pela polícia do Rio de Janeiro, que investigava os possíveis líderes dos protestos durante a realização da Copa do Mundo, aparecendo nos autos do mesmo. Esse episódio que beira a loucura reforça claramente a paranóia do Estado e a idiotice que marcam os aparelhos de repressão. Por outro lado, deixam claro que as concepções de Bakunin servem de inspiração para os movimentos que acreditam no enfrentamento e na destruição do Estado como única forma de liberdade.

Referências Bibliográficas

BAKUNIN, M. *Seleção e notas Daniel Guérin*. Trad. Zilá Bernd. Porto Alegre: L&PM, 2006.

GUÉRIN, D. *Anarquismo*. Trad. Manuel Pedroso. Rio de Janeiro, Gerninal, 1968.

HARVEY, D. et al. *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012.

LUDD, N. (org.) *Urgência das Ruas: Black Block, Reclaim The Streets e os Dias de Ação Global*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

RIBAS, A.C. *Corpo, Liberdade e Anarquismo*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

WOODCOCK, G. *História das idéias e movimentos anarquistas*. Trad. De Julia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2007.